UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

OHANA CRISTINY NAKANO BRITO

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO 2° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: PERSPECTIVAS DO DOCENTE

Castanhal –PA

2017

OHANA CRISTINY NAKANO BRITO

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO 2° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: perspectivas do docente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado Pleno em Pedagogia.
Sob orientação do Prof. Dr. João Manoel da Silva Malheiro.
Co-orientadora: Antonia Ediele de Freitas Coelho.

Castanhal –PA

2017

OHANA CRISTINY NAKANO BRITO

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS NO 2° ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: perspectivas do docente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia do Campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Data de aprovação:

Banca Examinadora

_____

Prof. Dr. João Manoel da Silva Malheiro

Orientador

_____

Prof.

Examinador

_____

Profa.

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, Terezinha Nakano e Gilvandro Brito, pessoas essenciais na minha vida, este trabalho é por vocês, em consideração a todo amor e carinho que sempre me deram.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de minha caminhada acadêmica, várias pessoas contribuíram e me ajudaram para alcançar meus objetivos. Me sinto grata a todos que de alguma forma, pois foram importantes em todo o caminho da universidade até o diploma.

Algumas vezes, diante das dificuldades, me lembrei de todos aqueles que me ajudaram e disseram para não desistir, continuar firme minha caminhada, e principalmente, escolher a profissão por amor e ter comprometimento. E todas as vezes que encontrei problemas, lembrei das pessoas que me apoiaram e dedicaram parte de seu tempo me orientando a lutar pelos meus sonhos.

Primeiramente, agradeço a Deus por tudo o que tem me proporcionado, por permitir seguir a trajetória desejada e me abençoar com esperanças e garra para seguir em frente. Agradeço aos meus pais, Gilvandro Brito e Terezinha Nakano, por todo o apoio desde minha infância, sempre me incentivando a nunca desistir dos meus objetivos. Obrigada por me orientarem sobre a importância de se ter uma vida profissional, e seguir os estudos até chegar no nível superior. Com vocês esteve toda minha força e coragem para conseguir realizar um dos meus objetivos que é a graduação em Pedagogia.

Agradeço a minha família, pelo apoio e palavras de carinho quando precisei, por todo amor e amizade que tanto prezo.

Aos meus amigos, pela consideração e pela ajuda em vários momentos. Aline Araújo, Antônia Silmara, Bárbara Cristina, Bruna Nayana, Maira Araújo, Nayara Sena e Natasha Cardoso, as quais são minhas amigas que estiveram comigo durante a graduação. A ajuda e amizade de vocês com certeza foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

A equipe da Escola Sesi Castanhal, agradeço pela oportunidade de estágio e pelos grandes conhecimentos adquiridos na vivência escolar, aos amigos da instituição com quem também aprendi muito.

A todos os professores que tive durante a graduação, obrigada pelos ensinamentos em cada disciplina, contribuindo para minha formação. Obrigada pela oportunidade dada para participar como voluntária dos projetos Conexões dos Saberes e do Projeto GEIRA (Grupo de Educação Inclusiva da Região Amazônica), onde pude aprender muitas coisas.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. João Malheiro, pelos ensinamentos necessários a continuidade do trabalho, e por todas as dicas que foram muito importantes para a organização das ideias dos capítulos, e pela contribuição como docente na minha caminhada acadêmica.

Agradeço a todos que contribuíram para minha formação profissional, esse momento de graduação está sendo fruto de todo esforço durante os quatro anos e meio na universidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE: Atendimento Educacional Especializado

EJA: Educação de Jovens e Adultos

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP: Projeto Político Pedagógico

UEPA: Universidade Estadual do Pará

UFPA: Universidade Federal do Pará

ZDP: Zona de Desenvolvimento Proximal

RESUMO

Discutir sobre avaliação dentro dos ambientes escolares torna-se necessário ao contexto educacional, pois, a prática pedagógica dos profissionais da educação está ligada ao desenvolvimento dos alunos, e para isso, é importante que a aprendizagem seja levada em consideração. Desse modo, a avaliação da aprendizagem escolar precisa ser observada com atenção, tanto aos métodos que vigoram nas instituições de ensino, quanto a percepção dos professores que estão lecionando e seus comportamentos mediante a situação de avaliar seus alunos. Este trabalho utilizou-se de referenciais teóricos que abordam sobre avaliação, como Luckesi (2008) e Bloom (1973). Para isso, se empregou a pesquisa qualitativa, compreendendo sobre a realidade em que vivem muitos docentes nas instituições de ensino, principalmente no que diz respeito ao seu trabalho avaliativo com alunos, mais especificamente na disciplina de Ciências que, por muitas vezes, é percebida como uma disciplina que os alunos gostam e se interessam. Dessa forma, o presente estudo objetivou investigar como ocorre a avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências em duas turmas de 2^{0} ano de uma escola do município de Castanhal/PA, através das perspectivas das professoras, que têm que lidar com o processo avaliativo de seus alunos, levando em consideração que as regras impostas pela escola devem ser seguidas. Por vezes, os conceitos de avaliação e verificação confundem-se dentro do cenário escolar, e a questão da aprendizagem acaba sendo esquecida. Porém, o professor, enquanto educador deve criar situações em que a aprendizagem possa ser, de fato, vivida e avaliada.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Ensino de Ciências. Professor.

ABSTRACT

Discussing evaluation within school environments becomes necessary to the educational context, because the pedagogical practice of education professionals is linked to the development of students, and for this, it is important that learning is taken into account. Thus, the evaluation of school learning needs to be observed with attention, both to the methods that exist in educational institutions, as well as the perception of teachers who are teaching and their behaviors through the situation of evaluating their students. This work was based on theoretical references that deal with evaluation, such as Luckesi (2008) and Bloom (1973). For that, the qualitative research was used, understanding about the reality in which many teachers live in educational institutions especially with regard to their evaluation work with students, more specifically in the discipline of Sciences that for many times is perceived as a discipline that students enjoy and care about. Thus, the present study aimed to investigate how the assessment of learning in Sciences teaching occurs in two classes of 2nd year of a school in the municipality of Castanhal / PA, through the perspectives of the teachers, who have to deal with the evaluation process of their students, taking into account that there are rules imposed by the school must be followed. At times, the concepts of assessment and verification are confused within the school setting, and the question of learning is forgotten. However, the teacher, as an educator must create situations in which learning can actually be lived and evaluated.

Key words: Assessment of Learning, Teaching of Science, Teacher.

SUMÁRIO

OS CAMINHOS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS QUE JUSTIFICAM A PESQUISA ... 10

1. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR 13

1.1 PANORAMA HISTÓRICO 13

1.2 CONCEITO DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM 17

1.3 TIPOS DE AVALIAÇÃO..... 20

1.4 AVALIAÇÃO ENQUANTO RECURSO PEDAGÓGICO NECESSÁRIO A PRÁTICA DOCENTE 22

2. O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS NAS SÉRIES INICIAIS 29

2.1 CIÊNCIAS PARA AS SÉRIES INICIAIS..... 29

2.2 CONTEÚDOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS 32

2.3 ENSINO DE CIÊNCIAS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA 35

3. METODOLOGIA 37

3.1 ABORDAGEM DE PESQUISA 37

3.2 PROCEDIMENTOS …..... 37

3.3 PARTICIPANTES 39

3.4 AMBIENTE …..... 39

3.5 COMO OS DADOS SERÃO ANALISADOS …..... 40

4. ANÁLISE DOS DADOS 41

4.1 AVALIAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL 41

4.2 IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO NO PROCESSO ENSINO E DE APRENDIZAGEM 42

4.3 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS AVALIATIVOS 43

4.4 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS 44

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 47

REFERÊNCIAS 49

APÊNDICE I 52

APÊNDICE II 53

APÊNDICE III 55

OS CAMINHOS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS QUE JUSTIFICAM A PESQUISA

A narrativa é algo muito presente na vida do ser humano, ainda que de maneira simples, como uma carta que você escreve para um irmão que mora longe, ou até a narrativa de uma história de amor escrita em 100 páginas de um diário. Clandini e Connelly (2011) ressaltam que "as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades" (p. 27).

Para a educação, a utilização da pesquisa narrativa contribui para a compreensão das experiências educacionais vividas, e ajuda a entender a visão que cada pessoa tem sobre o sentido da educação. Como ressalta Souza (2006):

> A crescente utilização da pesquisa narrativa em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos a educação em diferentes tempos (SOUZA, 2006,p. 136).

O que proponho através dessas afirmações é descrever de maneira narrativa sobre a experiência vivida e os caminhos que possibilitaram realizar a pesquisa deste trabalho. Há alguns anos, senti a responsabilidade para escolher qual profissão seguiria, ainda estava com algumas dúvidas. Algumas áreas da saúde me chamavam atenção, como por exemplo, enfermagem e medicina. Porém, essas áreas foram ficando de lado, quando percebi e observei a importância de uma profissão pouco valorizada na sociedade capitalista em que vivemos: a docência.

Confesso que no início fiquei pensativa sobre essa escolha, e com medo. Medo de me arrepender ou de não gostar da profissão. Mas ao final decidi: eu seria professora. Após essa decisão, surgiu o outro questionamento: por que professora?

Sempre gostei muito de crianças, pois vejo nelas a liberdade e a alegria em viver, o entusiasmo com coisas simples e do dia a dia. Eu gostaria de ensinar crianças, ajudá-las de alguma forma, e então escolhi prestar vestibular ao curso de Pedagogia. Eu tive total apoio de minha mãe, que também já foi professora e possui o antigo magistério como formação profissional. Em minha família tem vários professores, de alguma forma a contribuição deles me atingiu a ponto de seguir o mesmo caminho da educação.

Para ensinar e educar, é necessário ter dentro de si a alegria e a esperança de realizar com pessoas, situações que sejam favoráveis ao seu crescimento. Freire (1996) comentou que:

> Há uma relação entre a alegria necessária a atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. A esperança faz parte da natureza humana (FREIRE, 1996, p. 29).

Nesse sentido, professor e aluno estão juntos para caminhar entre os conhecimentos, ajudando um ao outro. Talvez a esperança de sempre acreditar no melhor, tanto aos alunos,

como para o mundo de maneira geral, tenha criado em mim um sentimento de valorização e carinho pela profissão de educar.

Ao estar totalmente decidida quanto a escolha do curso universitário, optei por Pedagogia nas duas universidades que prestei vestibular. E o resultado foi ótimo: passei em primeiro lugar no curso de Pedagogia na UFPA para o campus de Castanhal, e passei também na Universidade Estadual do Pará - UEPA de Igarapé-Açu. A felicidade de estar diante de uma universidade foi imensa, e gratificante, depois de passar o ano todo em uma sala de cursinho.

No início da vida acadêmica na UFPA, percebi o quanto a universidade é diferente do ensino básico, pois você tem mais autonomia sobre seus estudos, tem uma responsabilidade maior, além de poder construir sua opinião, independentemente de ser igual ou não a das outras pessoas. Aos poucos, tive certeza que estava no lugar certo, estudando para ser alguém muito importante na vida de pessoas, de alunos.

Gostei de várias disciplinas do curso, porém a que mais chamou atenção foi a de "avaliação da aprendizagem", pois através dessa disciplina entendi a importância desta para o contexto escolar. Quando finalizou, continuei interessada no tema e decidi que no pré-projeto abordaria sobre isso. Durante o período em que minha turma estava tendo a disciplina "metodologia da pesquisa", a qual iniciamos o pré-projeto, eu estava trabalhando como estagiária em uma escola, portanto, o contato com sala de aula e crianças rotineiramente já tinha iniciado.

Na rotina escolar, você observa muitas situações sobre vários assuntos, e isso contribui para a formação profissional. Nas vezes em que ficava como auxiliar em turmas de 1^0 ao 5^0 ano, eu acompanhava toda a aula dos professores, e ajudava. Em algumas dessas vezes ajudei em aplicações de prova, assim como em outros momentos de atividades avaliativas.

Infelizmente, percebi que as avaliações dos alunos se davam através das provas, trabalhos em sala e correção de atividades no caderno, exceto para turmas de 1^0 ano, pois não havia provas, mas os relatórios feitos pelos professores eram avaliativos. Ao observar essa dinâmica do processo avaliativo na escola, surgiram alguns questionamentos sobre a utilização da avaliação por parte de professores.

Todas as disciplinas eram avaliadas da mesma maneira, porém, em algumas, os alunos demonstravam mais interesse que outras. Isso era confirmado na participação durante as aulas. A disciplina de Ciências parecia ser legal para a maioria dos alunos dessas turmas, a atenção era maior do que na aula de Matemática, por exemplo.

Pensando nisso, e adicionando as leituras que já havia feito sobre avaliação, decidi observar como se da o processo avaliativo na realidade escolar, saber como esta ocorre no que

diz respeito a aprendizagem, mas especificamente na disciplina de Ciências, que parecia ser mais interessante as crianças.

Dessa forma, este trabalho é resultado de minhas indagações e observações da prática docente no que diz respeito a avaliação da aprendizagem escolar, que a partir de uma disciplina que gostei muito, pude relacionar com a realidade em que vivi no momento do estágio. O trabalho procura compreender sobre as perspectivas avaliativas dos professores que estão lecionando e que lidam sempre com o processo avaliativo de seus alunos. A questão norteadora é verificar qual a perspectiva dos professores do 2^0 ano das séries iniciais sobre a proposta avaliativa desenvolvida com seus alunos?

O objetivo geral da pesquisa é analisar como ocorre a avaliação da aprendizagem adotada pelos docentes do 2^0 ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos são: Contextualizar historicamente a avaliação da aprendizagem como recurso pedagógico necessário na disciplina de Ciências no 2^0 ano do Ensino Fundamental; analisar, segundo a declaração do docente se a avaliação por ele aplicada na disciplina de Ciências influencia de maneira positiva na aprendizagem dos alunos; e verificar se a avaliação da aprendizagem na disciplina de Ciências proposta pelo docente da turma contribui na verificação dos conhecimentos dos alunos.

Com base nas perspectivas acima, é que divido esse trabalho em quatro capítulos, onde procurei no capitulo 1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR, fazer algumas considerações sobre a educação de maneira geral, trazendo a avaliação como componente do trabalho escolar, onde as definições de Luckesi (2008) são abordadas, além de explicar sobre os tipos de avaliações comumente usadas nas instituições de ensino, seguindo as concepções de Bloom (1973), e da avaliação da aprendizagem como recurso necessário a prática pedagógica.

No capítulo 2 O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS NAS SÉRIES INICIAIS, é abordei sobre o ensino de Ciências nas séries iniciais, os seus conteúdos de acordo com os PCN (BRASIL, 1997) da disciplina e a questão da avaliação da aprendizagem.

No capítulo 3 METODOLOGIA, apresento a abordagem de pesquisa utilizada, os procedimentos necessários, os participantes, o ambiente e como os dados serão analisados.

No capítulo 4 ANÁLISE DOS DADOS trago a análise a partir da pesquisa de campo realizada em uma escola do município de Castanhal. Foi feito questionário para professoras das turmas de 2^0 ano do período matutino.

Nas considerações finais, apresento os principais pontos levantados a partir da análise dos questionários realizados com as professoras, de acordo com os referenciais teóricos

usados no trabalho. Apresento também algumas considerações sobre a avaliação da aprendizagem escolar e sua aplicação no ensino de Ciências.

1. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Nesse capítulo será abordado sobre a avaliação da aprendizagem no cenário escolar, trazendo autores que discutem sua inserção no contexto histórico educacional, conceituando-a brevemente, como também apresentando os tipos de avaliação e a sua importância para a prática docente enquanto recurso pedagógico.

1.1 Panorama Histórico

A educação existe dentro da sociedade como fator necessário ao seu desenvolvimento, através desta, muitos avanços e criações surgiram. O homem enquanto ser pensante pode construir ideias e assumir um papel de mediador de conhecimentos. Conhecimentos que são adquiridos a partir de uma prática educativa, seja ela em ambiente escolar ou não. Onde há ensino sobre determinado assunto ou coisa, está acontecendo uma educação.

Para Freire (1979), a busca do homem pela educação está ligada ao inacabamento, a imperfeição humana, pois sempre é necessário buscar mais, e o ato educativo está ligado também ao amor e ao comprometimento com a ação de ensinar.

É importante frisar que, a fundação das escolas ajudou bastante o homem no seu desenvolvimento da prática de ensino, pois é um ambiente formal, porém não é a única e nem a mais importante instituição capaz de educar, lembrando que os ambientes informais estão incluídos na realização de práticas educativas. E a valorização das experiências informais contribui no processo de ensino nas salas de aula (FREIRE, 1979).

Na Grécia antiga por um bom tempo não havia escolas, mas havia uma grande preocupação com o ato de educar, sendo considerado um dos aspectos fundamentais para ser considerado um cidadão grego: ter educação, ou seja, estudar algo, conhecer algo, aprender sobre alguma coisa. A ociosidade não era para todos, mas a quem esta oportunidade era dada, a dedicação era exclusivamente aos estudos das artes, o que implica ser um ato educativo, o qual ocorre ensino e ocorre também aprendizagem (JAEGER, 1986).

A dita educação formal tem grandes contribuições advindas do contexto educacional grego, mais precisamente no período helenístico e no período clássico, quando a "*Paidéia*"

era praticada entre os gregos. A valorização do homem racional era utilizada entre os ensinamentos, os quais relacionavam-se a esferas sociais, políticas, culturais e educativas (GROSS, 2006).

O período clássico (séc. V a.C.) mostra diversas transformações ocorridas nessas esferas, e dentro da educação surgem os "*sofistas*", filósofos que se julgavam sábios e detentores de vários conhecimentos. Através deles, muitos avanços ocorreram no ato educativo, havendo uma sistematização do ensino, e a sobreposição da razão ao mitológico (GROSS, 2006).

O nascimento da filosofia contribuiu fortemente para a educação grega, pois, o ato de pensar e questionar sobre situações da vida, ajudou o cidadão grego a compreender sobre a sua realidade e sobre o mundo. Além disso, a figura do pedagogo (escravos que cuidavam das crianças) como cuidador das crianças também é ponto importante na discussão sobre educação. A partir desta concepção grega, o pedagogo ganha uma função muito importante no âmbito educacional, e mais tarde teria grandes contribuições no trabalho escolar (JAEGER, 1986).

É notável que toda esta construção de novos ideais e avanços para as escolas, se deu a partir do contexto grego, seja pela valorização da razão, o nascimento da filosofia e a preocupação com a educação dos cidadãos, dessa forma sua contribuição na História da Educação é relevante.

A partir da construção das escolas, a dita "educação formal" começou a expandir-se gradativamente, ainda que nem todos pudessem frequentar, seja pela condição financeira ou outro fator. Dentro deste ambiente formalizado, com regras e organizações, alguns aspectos são importantes para formação dos alunos, e importantes também para os professores, os quais têm uma função fundamental dentro das escolas que é a de educar. Para Biesdorf (2011), na escola ocorre a mediação dos conhecimentos científicos.

A partir da organização escolar, os aspectos característicos das atividades escolares, como por exemplo o planejamento e a avaliação, são importantes para a prática docente. Dentro das escolas, o caráter formal é indispensável em sua maioria, e é preciso que haja uma maneira de verificar os avanços dos alunos. As avaliações são instrumentos pedagógicos utilizados para verificar a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos (LUCKESI, 2008).

A avaliação, dentro do cenário educacional brasileiro, passou por diversas situações que ajudam a compreender um pouco sobre como as escolas atualmente vem trabalhando a avaliação da aprendizagem de seus alunos. A grande preocupação de alguns governos sobre o ato de avaliar era que os alunos obtivessem ótimos desempenhos. Porém, alguns esforços das políticas educacionais parecem não ter sido o suficiente para que a avaliação da aprendizagem escolar superasse seus problemas (ROSSIT e STORANI, 2010).

De certa forma, é importante destacar que houve alguns avanços nas políticas educacionais do Brasil no que se relaciona a avaliação, mas talvez não tenha sido o suficiente para sanar certas dificuldades enfrentadas para lidar com as avalições dos estudantes. A avaliação do ensino fundamental através do Regime de Progressão Continuada – deliberação CEE 9/97 deixou algumas brechas que acarretaram situações delicadas para o ensino e de aprendizagem, no qual "a escola se torna responsável pela aprendizagem progressiva e continua e, ainda, a opção da escola por Organização em Ciclos, sem reprovação" (ROSSIT e STORANI, 2010, p. 119).

Para estabelecer novas maneiras de lidar com a avaliação, a escola necessita estar preparada para isso, porém, não houve esta preparação, apenas foi decidido novas normas para tratar da maneira avaliativa dos alunos. No caso do ensino por ciclos, o aluno não poderia reprovar dentro do ciclo em que se encontrasse. Sabendo de tal condição, não havia esforço algum para a aprovação a série seguinte (ROSSIT e STORANI, 2010).

Os professores frustraram-se ao saber que o trabalho avaliativo feito por ele, seria "alterado" no final do ano. Baseado em Luckesi (2008) tomemos como exemplo a seguinte situação: determinado aluno da série *A* teve um rendimento ruim ao longo do ano, médias baixas, falta de interesse para realização das atividades em sala de aula, dificuldades em disciplinas especificas, como matemática e português. Ao final do ano letivo, a sua professora faz todos os cálculos para obter a média final deste aluno e conclui que, a sua média não é suficiente para a aprovação para série *B*. Apesar de não estar habilitado para seguir para a próxima série, este aluno será aprovado, devido não haver "repetências" dentro de cada ciclo.

O exemplo citado acima é apenas uma das situações enfrentadas pelos docentes, que precisam aprovar seus alunos ainda que estes não estejam aptos para isso. A aprendizagem está sendo deixada de lado, como algo que não é importante, pois mesmo não sabendo os conteúdos e tendo um rendimento ruim, o aluno do exemplo citado segue para a série

posterior sem ter de fato aprendido o que deveria. Possivelmente, nas demais séries ele terá muitas dificuldades para compreender os novos conteúdos.

Foi no governo de Mario Covas (1995-1999 e 1999-2001) que as instituições de ensino começaram a aderir ao Regime de Progressão Continuada e sobre isso Storani e Rossit (2010) comentam que:

> A avaliação em Regime de Progressão Continuada tornou-se em pouco tempo "promoção automática" e os alunos passaram a entender que não precisavam mais estudar, pois passariam para a série seguinte sem sacrifício algum. Os professores por não terem sido devidamente preparados para a nova cultura avaliativa, perderam-se em meio as avaliações formais e informais que realizavam. Os registros serviam apenas para documentos burocráticos e estes estavam sempre em ordem. O tempo foi passando e as reclamações cada dia mais eloquentes. No vazio...Na solidão... Nada ou quase nada consegue recuperar os alunos que foram passando de uma série para outra sem os pré-requisitos necessários (STORANI e ROSSIT, 2010, p. 120) (destaques dos autores).

Como já foi ressaltada, a preocupação de alguns governos com a avaliação escolar era de obter bons desempenhos, porém, a aprendizagem estava sendo deixada de lado, com o foco na avaliação "classificatória", preocupada com resultados. As escolas não estavam preparadas para lidar com mudanças e nem os alunos, que acabaram por prejudicar-se. Parece que ainda hoje não existe esta preparação, há mudanças e avanços nas políticas educacionais, mas a sua prática torna-se comprometida devido o despreparo dos profissionais, além da falta de orientação a eles.

A avaliação da aprendizagem necessita de comprometimento por parte de todo o corpo escolar, e além disso, levar em consideração os alunos no que diz respeito ao seu desenvolvimento, foco do trabalho educacional. A política educacional pode contribuir positivamente nesse sentido, desde que seja pensada para todos que tem o direito de educar-se enquanto cidadãos. Os professores também devem estar preparados e devidamente orientados pela gestão da instituição (ROSSIT e STORANI, 2010).

O caminho ainda é longo para conseguir uma avaliação escolar focada na aprendizagem dos educandos, e os avanços e dificuldades até agora vividos servem de lição para aqueles que pretendem trabalhar com comprometimento na docência. O recorte histórico sobre avaliação da aprendizagem ajuda a compreender que esta é parte integrante do trabalho na área da educação, e que sua importância deve sempre ser estudada e colocada em prática.

1.2 Conceito de Avaliação da Aprendizagem

Avaliar algo ou alguém não é tarefa simples, é necessário ter um bom método avaliativo para tal ação, a fim de chegar ao objeto em questão. Dependendo do que será avaliado, é importante que haja cautela quanto aos critérios, para que no final, os resultados sejam favoráveis para realizar a prática avaliativa (ROSSIT e STORANI, 2010).

No que diz respeito à avaliação nas instituições de ensino, as escolas, corriqueiramente ocorre uma confusão entre os conceitos de *medir* e *avaliar*. O termo medir está relacionado à quantidade, ou seja, a uma numeração, a qual você atribui para determinado objeto.

Segundo Rossit e Storani (2010, p. 19) "para medir, é necessário que as propriedades dos objetos sejam definidas de forma clara, mediante comportamentos ou características observáveis, bem como fazer corresponder um número a cada objeto".

Avaliação está ligada a outro processo, mais profundo e mais importante, do ponto de vista pedagógico, pois, não estará sendo atribuído apenas um número ou apenas um conceito para algo. O que está em jogo é a verificação dos conhecimentos a partir de uma lógica qualitativa e quantitativa, o que indica a preocupação não apenas com conceitos ou notas, quando se refere ao avanço dos alunos.

Além da diferença entre "medir" e "avaliar", há dois conceitos importantes que devem ser levados em consideração no que diz respeito a avaliação de alunos. A diferenciação entre "teste" e "diagnóstico" deve ser pensada e colocada em prática para o trabalho avaliativo conseguir assumir sua função.

Rossit e Storani (2010, p. 136) apontam que "os testes são um tipo de técnica de avaliação e, portanto, são uma das muitas estratégias usadas para obter informações sobre pessoas. A avaliação é muito mais abrangente: é o processo inteiro de coleta de dados e as decisões que resultam desse processo".

Para que todo o trabalho avaliativo seja realizado, é necessário que todas as informações importantes sobre o aluno sejam levadas em consideração. Provas, testes, simulados são usados para avaliar e os resultados são considerados os "diagnósticos". Luckesi (2008) confirma a triste realidade escolar quando diz que "durante o ano letivo, as notas vão

sendo observadas, médias vão sendo obtidas. O que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivesse a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem" (p. 18).

Neste sentido, o processo de aprendizagem é deixado para trás e a "preocupação" dos professores é em obter os resultados das avaliações. Por conta disso, o teste se confunde com o diagnóstico, o qual é mais complexo e importante para o desenvolvimento do aluno e seu processo avaliativo.

A avaliação pode ter vários significados dentro do âmbito escolar, sendo usada para referir-se ao sistema de organização da escola – a avaliação institucional; referir-se também ao processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. Importante frisar que, o processo de avaliação da aprendizagem também depende do tipo de gestão atuante na instituição, o que irá influenciar nas decisões e maneiras que os docentes escolhem e planejam para avaliar os seus alunos. Assim, temos a avaliação da aprendizagem como parte integrante da avaliação institucional (ROSSIT e STORANI, 2010).

A definição dada por Luckesi (2008) sobre avaliação diz que esta é entendida "como um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão. É bem simples: são três variáveis que devem estar sempre juntas para que o ato de avaliar cumpra o seu papel" (p. 69). Estas, citadas pelo autor, descrevem sobre como a avaliação deve articular-se dentro do ambiente escolar.

Quando falamos em "juízo de qualidade", primeira variável citada por Luckesi referimo-nos ao adjetivo do objeto em questão, ou seja, a sua qualidade a partir de um padrão ideal de julgamento. No caso da avaliação da aprendizagem, o professor irá fazer o juízo de qualidade dos seus alunos, usando como referência um padrão para esta avaliação, para que possa ser dado o resultado como satisfatório ou não (LUCKESI, 2008).

Os dados relevantes da realidade (segunda variável) referem-se como o próprio nome diz, a realidade do objeto, nesse caso, a realidade do aluno, quais são os conhecimentos que possui, qual o seu rendimento nos testes, e um aspecto muito importante para a avaliação é com os objetivos que se quer atingir. Por exemplo, se um professor gostaria de avaliar a aprendizagem de um aluno sobre seus conhecimentos em Ciências Naturais, não deve avaliar os conhecimentos do aluno sobre números fracionários, já que este é assunto pertencente a outra disciplina. (LUCKESI, 2008)

A terceira variável da avaliação é a tomada de decisão, sendo esta, requisito muito importante no momento de avaliar pessoas, mas que infelizmente, com as práticas que as escolas vêm adotando, parece não ocorrer como deveria. Quando se quer tomar decisão de algo, o que primeiramente a pessoa faz é trabalhar para que isto ocorra (LUCKESI, 2008).

As escolas estão acostumadas a classificar seus alunos após as suas avaliações através de conceitos ou médias, os quais já decidem como fica a situação de cada um: se é inferior, médio ou superior. Parece que a preocupação não é com os resultados em si, mas em obter o mais breve possível estes resultados, para "lançar" e depois esquecer. Como ficam aqueles alunos com dificuldades e que não obtiveram um bom rendimento?

A tomada de decisão está presente como requisito para a avaliação justamente para que o professor tenha consciência do seu dever como educador, e que sua atitude fará a diferença na aprendizagem dos seus alunos. A tarefa de continuar e verificar onde se pode melhorar, e como ajudar nessa melhora é do professor, pois, através do seu diagnóstico é possível chegar em uma conclusão, a qual muda a vida do aluno no seu caminho como estudante.

Quantos alunos já devem ter sido deixados para trás quando não houve preocupação por parte de seus professores no que diz respeito ao desenvolvimento de sua aprendizagem... (LUCKESI, 2008).

A avaliação necessita destas três variáveis para que possa atingir seu objetivo nas instituições de ensino. Infelizmente o que se observa da realidade escolar é o uso da avaliação como forma de autoritarismo e controle dos alunos, sem a menor preocupação como o processo de aprendizagem, apenas com a classificação absurda que se faz a cada período avaliativo, onde os testes e provas são aplicados.

A avaliação, ao adquirir uma perspectiva humanizadora, reflexiva e construtiva no processo educacional, consegue compreender a importância das práticas avaliativas no desenvolvimento do trabalho escolar. A partir destas perspectivas, é possível deixar claro a necessidade de valorizar o homem e todo o seu processo de formação, e a escola priorizar o desenvolvimento dos educandos, e não se preocupar apenas com os aspectos burocráticos (FERNANDEZ, 2003).

Na perspectiva humanizadora de avaliação, o foco é a preocupação com o aluno, a tudo que diz respeito a ele e a sua formação; na perspectiva reflexiva é necessário entender a

avaliação como prática constante, historicamente enraizada nas escolas como produto cultural herdado da tendência tradicional do saber (FERNANDEZ, 2003).

Na perspectiva construtiva vemos a importância de entender a avaliação como reflexiva, no aspecto educacional, além de contribuir com mudanças positivas para os alunos e para a instituição escolar (FERNANDEZ, 2003).

Percebe-se que o processo avaliativo, ao caminhar para estas perspectivas, as quais têm no educando um foco importante, conseguem construir concepções para o desenvolvimento e transformação através da prática avaliativa, devendo esta não esquecer ou deixar de lado a construção da aprendizagem.

1.3 Tipos de Avaliação

Seguindo a concepção de Bloom (1973) sobre avaliação escolar, há três tipos de avaliações utilizados pelos professores para verificar a aprendizagem dos alunos, geralmente estão presentes nas instituições de ensino, sendo usadas em diferentes momentos. São elas:

- Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica propõe ao professor verificar os conhecimentos prévios de seus alunos, a fim de entender qual o nível de conhecimento sobre determinado assunto. Essa avaliação geralmente ocorre no início do ano letivo, porém também é feita no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem, sendo importante para a identificação de distúrbios de aprendizagem.

Ao observar um aluno no intuito de avaliá-lo, o profissional deve levar em consideração que, o aluno possui conhecimentos prévios, trazidos de sua realidade, o qual irá refletir-se dentro da sala de aula. Por isso, a avaliação diagnóstica torna-se importante e indispensável, através das observações, o professor conhece um pouco sobre seus alunos permitindo-lhes assim, diversas possibilidades para ensinar partindo do que foi observado nos alunos. Quanto a verificação dos distúrbios é possível observar de maneira geral, porém com cautela, quais alunos possuem ou não distúrbios ligados a aprendizagem.

- Avaliação Formativa

O outro tipo de avaliação destacado por Bloom (1973) é a avaliação formativa, utilizada pelos professores como um importante apoio para verificar a aprendizagem dos alunos no decorrer de um período (semestre, bimestre). Com o foco no ensino e na

aprendizagem, este tipo de avaliação deve unir informações úteis sobre dificuldades encontradas, assim como os avanços encontrados na aprendizagem do aluno.

- Avaliação Somativa

Na avaliação somativa, o professor precisa verificar sobre o percurso do aluno, o seu desenvolvimento ao decorrer das atividades, e para isso, precisa organizar provas ou testes avaliativos. Algumas instituições realizam testes que antecedem as provas bimestrais, outras aplicam as provas como único recurso avaliativo.

O que irá decidir sobre o nível de conhecimento do aluno é o seu rendimento nestas avaliações, expresso em médias ou notas. Geralmente as notas são os instrumentos mais usados para avaliar a aprendizagem dos estudantes. As médias são usadas no momento de calcular o valor final do desempenho de seu aluno. Os conceitos (inferior, médio e superior) não são muito usados nas avaliações.

É importante destacar sobre a questão das médias sendo utilizadas na prática do autoritarismo e do desrespeito para com os alunos, uma das situações levantadas por Luckesi (2008). As avaliações em que os alunos são submetidos geralmente são organizadas e corrigidas a maneira do professor, ou seja, a partir dos julgamentos que este faz ser "correto". Porém, o conhecimento e a lógica do aluno para responder as questões não é levado em consideração. Tomando como exemplo a situação que Luckesi cita em sua obra:

> A gama conservadora da sociedade permite que se faça da avaliação um instrumento nas mãos do professor autoritário para hostilizar os alunos, exigindo-lhes condutas as mais variadas, até mesmo as plenamente irrelevantes. Por ser "autoridade", assume a postura de poder exigir a conduta que quiser, quaisquer que sejam. Então, aparecem as "armadilhas" nos testes; surgem as questões para "pegar os despreparados"; nascem os testes para "derrubar todos os indisciplinados (LUCKESI, 2008, p. 37) (grifos do autor).

Fica evidente que o professor tem atitudes que demonstram um autoritarismo como forma de "castigar" os alunos por algo que não esteja de acordo com a sua opinião. Dessa forma, o ato de avaliar perde a sua essência, pois a avaliação assume um papel classificatório, como "um instrumento autoritário e frenador do desenvolvimento de todos os que passarem pelo ritual escolar, possibilitando a uns o acesso e aprofundamento do saber, a outros a estagnação ou a evasão dos meios do saber" (LUCKESI, 2008, p. 37).

Além do papel da avaliação como recurso classificatório, há outro exemplo no autoritarismo praticado por muitos docentes, no que diz respeito a complexidade dos conteúdos na elaboração das provas. Não sendo profissional, o docente decidir "dificultar"

para os seus alunos e elaborar provas complexas, acima do entendimento deles, seja pela linguagem ou pela dificuldade do conteúdo (LUCKESI, 2008).

A avaliação somativa por inúmeras vezes acaba contribuindo para os tipos de situação citados acima, além disso, recebe críticas, pois é vista por muitos, como uma forma de amedrontar os estudantes. O instrumento pedagógico é usado como punição aqueles que não tem bons comportamentos, ou não fazem as vontades do professor. Sobre isso, Luckesi (2008), destaca sobre o autoritarismo, praticado por muitos docentes. Infelizmente, ameaças são atitudes preocupantes realizadas por professores que questionam sobre a indisciplina de alunos dentro das salas de aula, e por vezes, acreditam que fazer ameaças sobre notas vermelhas ou elaborar avaliações de níveis mais complicados que os alunos possam não compreender, resolverá tal situação.

> A prática da avaliação escolar, dentro do modelo liberal conservador, terá de, obrigatoriamente, ser autoritária, pois esse caráter pertence a essência dessa perspectiva de sociedade, que exige controle e enquadramento dos indivíduos nos parâmetros previamente estabelecidos de equilíbrio social, seja pela utilização de coerções explicitas, seja pelos meios sub-reptícios das diversas modalidades de propaganda ideológica. A avaliação educacional será, assim, um instrumento disciplinador não só das condutas cognitivas como também das sociais, no contexto da escola (LUCKESI, 2008, p. 32).

A citação acima deixa claro que a avaliação está relacionada com o tipo de pedagogia vigente, relacionado ao modelo liberal conservador da sociedade. Porém, através de uma pedagogia voltada para a preocupação com o educando, no sentido de desenvolver uma educação para a transformação da sociedade, que segundo Luckesi “deverá estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do educando” (2008, p. 32). É possível que os padrões de conservação possam ser modificados através de uma prática pedagógica libertadora, preocupada com o desenvolvimento dos alunos, os quais são pessoas que fazem e constroem a sua sociedade.

1.4 Avaliação Enquanto Recurso Pedagógico Necessário a Prática Docente

Após explicar sobre os tipos de avaliação comumente usados pelas escolas, há a necessidade de compreender sobre a avaliação da aprendizagem como um recurso pedagógico necessário ao trabalho docente. Ainda que, alguns métodos avaliativos sejam considerados extremamente rígidos, autoritários e outros sejam superficiais e mais tranquilos. O ato de avaliar é fundamental não apenas para que o professor possa lançar as “médias” dos seus

alunos, mas para conhecer e entender a situação no que diz respeito a aprendizagem (LUCKESI, 2008).

Quando uma criança inicia seu primeiro dia de aula em uma escola, irá se deparar com outra realidade, diferente daquela vivida em sua casa. Uma nova etapa na sua vida, a qual contribuirá em seu desenvolvimento. Justamente nesse desenvolvimento é que surgem novos conhecimentos, a partir da vivência com outras pessoas (DAVIS e OLIVEIRA, 1993).

A aprendizagem ganha destaque na vida desta criança; em seu novo momento, seu novo ambiente, o qual possivelmente estará indo com frequência – a escola – irá deparar-se com diversas situações e pessoas. O contato com outras pessoas gera experiências significativas, onde a criança vai construindo seus próprios conceitos sobre mundo ao seu redor.

> A aprendizagem é o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para que a criança aprenda, ela necessitará interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos e com as outras crianças mais experientes (DAVIS e OLIVEIRA, 1993, p. 20-21).

Segundo Davis e Oliveira (1993) o contato com outras pessoas é importante no momento da aprendizagem e o adulto também contribui no desenvolvimento desta. Fica evidente o papel do professor na construção das aprendizagens de seus alunos, atuando como facilitador deste processo.

Como já foi citado, o contato social ajuda a criança nos seus momentos de construção, possibilitando a ela um mundo rodeado de ideias a serem descobertas e aprendidas. Sobre este contato com o ambiente social, o interacionista Vygotsky (1984) valorizava a relação entre criança e ambiente na construção da aprendizagem. Para ele, ao entrar em contato com outras pessoas, a criança adquire novos conhecimentos, e segundo o autor, esse momento é muito importante ao seu desenvolvimento, pois é criada uma “zona de desenvolvimento proximal”, a qual refere-se:

> a distância entre o nível de desenvolvimento atual – determinado pela capacidade de solução, sem ajuda, de problemas – e o nível potencial de desenvolvimento – medido através da solução de problemas sob a orientação ou em colaboração com as crianças mais experientes (DAVIS e OLIVEIRA, 1993, p. 53).

Ao deparar-se com diversos ambientes sociais, a criança conhece múltiplas aprendizagens, ocorridas a partir do contato externo com pessoas e objetos diferentes. No ambiente escolar, vários conhecimentos podem ser adquiridos, levando em consideração os

conteúdos trabalhados em sala de aula, e a própria rotina da criança vai ajudar na construção de conhecimentos.

Nesse sentido, várias aprendizagens também são construídas; o trabalho do docente em observar o desenvolvimento das crianças é muito importante, pois, cada aluno está aprendendo sobre várias coisas e, obviamente que, a maneira de avaliar estes conhecimentos será diferente. Como aspecto necessário ao trabalho do professor, avaliar a aprendizagem é tarefa que requer cuidado e planejamento.

Tomando como exemplo a educação infantil, esta é um momento fundamental na etapa escolar do aluno, pois irá deparar-se com uma nova realidade, e construir ou aprimorar conceitos e valores importantes para o seu desenvolvimento. E a aprendizagem tem função significativa nesta etapa.

Na educação infantil geralmente as atividades trabalhadas são voltadas para a interação social das crianças, para que entendam sobre a importância dos vínculos sociais, além da autonomia na realização das tarefas, já que mais tarde, nas séries posteriores, a criança precisa ser autônoma no desenvolvimento de suas atividades.

Além disso, o contato inicial com o mundo da alfabetização se dá neste período, ainda que não seja obrigação dos educadores alfabetizar nesse momento. Porém, as atividades para que a criança tenha noções de números e letras, sempre acontecem dentro da sala de aula.

Na infância existe a importância do ato de brincar, aspecto que marca esse período da vida do ser humano. As brincadeiras são os momentos em que as crianças exploram sua criatividade e liberdade, pois a partir desses momentos estão criando situações (parecidas ou não com a sua realidade) que lhes proporcionam prazer (KISHIMITO, 2002).

A cultura lúdica é valorizada pela educação, pois nela também há construções de conhecimentos através das brincadeiras. Na cultura lúdica existe a arquitetação de “regras”, para que a brincadeira seja considerada como um “faz-de-conta”, onde ocorrem situações que se diferem do cotidiano (KISHIMOTO, 2002).

> A cultura lúdica é, então, composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida quotidiana: os verbos no imperfeito, as quadrinhas, os gestos estereotipados do início das brincadeiras compõem assim aquele vocabulário cuja aquisição é indispensável ao jogo (KISHIMOTO, 2002, p. 24).

Considerando que as brincadeiras fazem parte do cotidiano das crianças, na questão do ensino e da aprendizagem é importante valorizar a ludicidade no ambiente escolar. Através

desse mundo imaginário é possível construir novos conhecimentos, o que para o desenvolvimento dos alunos é algo fundamental.

As aprendizagens absorvidas a partir da valorização da cultura lúdica, na educação infantil tem grande importância. Nessa etapa escolar da vida da criança, o contato social é necessário para que exista a construção de valores como amizade e respeito; a interação com as outras crianças favorece na sua aprendizagem. Esta interação no momento das brincadeiras já estimula a produção de conhecimentos. Dessa forma, temos nas interações sociais a origem da cultura lúdica que irá produzir as construções e/ou imaginações advindas de jogos e brincadeiras (KISHIMOTO, 2002).

Apesar de não haver "avaliações formais" para turmas de educação infantil, o processo avaliativo ocorre por meio de outros métodos, inclusive a observação das atividades lúdicas. O contato com os demais alunos, a autonomia, a criatividade e até mesmo as noções básicas de letras e números são observadas para a realização da avaliação.

A utilização dos relatórios é bastante frequente para descrever sobre o comportamento, avanços e dificuldades dos alunos. O professor deve estar sempre atento na sala de aula, observando o modo de agir das crianças. No período da educação infantil e no 1° ano das séries iniciais, os relatórios são utilizados como recurso avaliativo, pois as avaliações através de provas e testes não são aplicadas nestes períodos.

No caso da educação infantil, a utilização dos portfólios é um bom recurso quando se trata de avaliação. Como ressalta Falcão (2013):

> A aplicabilidade do portfólio na Educação Infantil permite ao educador um reconhecimento do nível de aprendizagem do educando, a partir do momento em que se faz e refaz uma atividade em uma perspectiva construtivista, voltada para uma análise qualitativa, possibilitando ao educando um despertar da sua curiosidade, acompanhando seu desenvolvimento e embarcando na ampliação do desejo do outro, que sonha com voos vazantes no mundo mágico das fantasias infantis (FALCÃO, 2013,p. 3-4).

Organizar o portfólio dos alunos possibilita ao professor compreender mais sobre o caminho construído ao longo do ano. Introduzir os educandos no mundo da alfabetização e do letramento através das atividades pedagógicas contribui no enriquecimento de conhecimentos, pois estes são aspectos a serem avaliados e colocados no portfólio, além das observações individuais e em grupo.

O uso dos portfólios se torna fundamental ao trabalho do professor, além de observar e refletir sobre sua prática pedagógica, estará contribuindo no processo avaliativo, onde estão os avanços e as dificuldades de aprendizagem (FALCÃO, 2013).

A avaliação da aprendizagem mostrará sobre a vida escolar do aluno, a qual está ligada a outros ambientes sociais. A preocupação em compreender o processo avaliativo envolve-se ao comprometimento do educador para que, através da verificação dos conhecimentos, o ensino oferecido possa trazer benefícios para uma educação transformadora.

> Um educador que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explicita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica (LUCKESI, 1994, p. 46).

Quando falamos em transformação, estamos nos referindo a mudança. No caso da educação, a mudança das pessoas que estão na sociedade. Esta transformação relaciona-se ao ambiente escolar, sendo este o local de conhecimento e crescimento. Ainda que não seja necessário estar numa escola para que haja aprendizagem, a vivência escolar representa muito na vida do homem, e os questionamentos sobre como a sociedade vem se estruturando a partir dos conceitos estabelecidos nas instituições sobre a educação.

Ao ressaltar que a prática educacional do docente deve estar voltada para a transformação, Luckesi (1994) deixa evidente a importância de um bom trabalho pedagógico, de profissionais que estão comprometidos com a transformação, a educação ganha um direcionamento voltado não apenas a mudança de pessoas, mas de toda a sociedade.

Sobre o conceito de educação para a transformação, Luckesi (1994) a destaca como uma tendência filosófico-política que “pretende demonstrar que é possível compreender a educação dentro da sociedade, com os seus determinantes e condicionantes, mas com a possibilidade de trabalhar pela sua democratização” (p. 48).

Esta tendência acredita que o processo educativo pode contribuir para mudanças favoráveis no desenvolvimento dos educandos, a fim de obter uma educação crítica, onde seja possível questionar, debater e compreender sobre as situações de nossa sociedade. A sua compreensão leva a possibilidades de agir de maneira estratégica na educação. Dessa forma, a partir dos condicionantes histórico-sociais presentes na sociedade, esta tendência acredita em uma educação crítica voltada a um projeto social.

> Para tanto, importa interpretar a educação como uma instância dialética que serve a um projeto, a um modelo, a um ideal de sociedade. Ela medeia esse projeto, ou seja,

> trabalha para realizar esse projeto na prática. Assim, se o projeto for conservador, medeia a conservação; contudo, se o projeto for transformador, medeia a transformação; se o projeto for autoritário, medeia a realização do autoritarismo, se o projeto for democrático, medeia a realização da democracia (LUCKESI, 1994, p. 49).

O papel da escola assume a responsabilidade de estabelecer qual tendência filosófico-política segue, o que reflete na prática pedagógica realizada dentro dela, por conta disso todo o sistema escolar vincula-se ao processo de ensino, já que a partir de uma tendência, todo o planejamento será organizado e pensado, de acordo com os ideais desta tendência (LUCKESI, 1994).

A avaliação dentro dessa discussão, ligada a prática docente, é feita a partir destes ideais, o que infelizmente nem sempre é algo bom, pois, as instituições de ensino parecem não adotar uma educação voltada a transformação da sociedade.

Ainda que grande parte das escolas não adote um conceito de educação voltado para a transformação da sociedade (ou adote apenas na teoria, sendo a prática outra coisa), a avaliação da aprendizagem faz se necessária para a compreensão e conhecimento do educando (LUCKESI, 1994).

A avaliação da aprendizagem sendo necessária tanto ao trabalho docente quanto ao desenvolvimento do aluno, deve ser tratada com atenção pelas escolas. O tipo de tendência filosófico-política relaciona com a sua organização, porém não se deve esquecer que o trabalho desenvolvido pelos professores também irá influenciar na qualidade de uma boa avaliação (LUCKESI, 1994). Como já foi citado anteriormente, o uso dos portfólios são comuns nos períodos da educação infantil e no 1° ano das séries iniciais. Quando a criança vai para as outras séries, existem as avaliações bimestrais ou mensais, também já citadas anteriormente.

Esta avaliação da aprendizagem no período das séries iniciais ocorre com as provas, testes, simulados, etc. O enraizamento de aspectos avaliativos tradicionais atrapalha uma verdadeira avaliação, que seja significativa ao aluno. Muitos docentes acreditam que apenas verificar e distribuir as “médias” alcançadas pelos seus alunos, a avaliação está atingindo seu objetivo.

> A atribuição de nota permite fazer um julgamento sobre um certo grau alcançado dentro de um critério particular. Mas restringir o desempenho ou a capacidade de um aluno a um valor – seja numérico, letra, conceito – indica extremo reducionismo do processo educativo (KREISCH e MENEGUEL, 2009, p. 5).

Parece que o sentido de avaliar é tido como algo meramente numérico por parte de muitos professores, pois, a preocupação está retida em conceitos, notas a serem atingidas. A aprendizagem por vezes é esquecida. Como responsabilidade de ambos – professor e aluno – a avaliação da aprendizagem necessita de uma maior valorização no cenário escolar, pois ela é um recurso pedagógico importante dentro da prática de ensino (LUCKESI, 2008).

Em todo o período da vida escolar, conhecimentos são observados e levados para a vida fora das salas de aula, ainda que estes conhecimentos sejam mínimos. Mas, se cada profissional fizer sua parte em valorizar o desenvolvimento do educando, priorizando a sua formação como cidadão, o qual tem a sua própria opinião e ideias; acreditando no ensinar para mudar e não apenas transferir conhecimentos, tornando os alunos depósitos de informações sobre determinados conteúdos; podemos avançar positivamente na prática educativa (FREIRE, 1996).

Como já foi dito anteriormente, a bagagem de conhecimentos deve ser levada em consideração para que haja uma "conexão" entre o que os alunos já sabem e o que irão aprender. De acordo com Vygotsky (1989):

> Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm a sua própria aritmética pré-escolar, que somente psicólogos míopes podem ignorar (VYGOTSKY, 1989, p. 94-95).

A avaliação da aprendizagem enquanto recurso pedagógico necessário a prática docente deve contribuir não apenas para o desenvolvimento dos alunos, mas deve também contribuir para o trabalho do professor, como sujeito que atua na educação e preocupa-se com o ensino; a construção do conhecimento a partir da avaliação para verificação, pode ajudar no crescimento dos educandos, que estarão em processo de aprendizagem tanto antes, durante, e depois da avaliação (LUCKESI, 2008).

2. O PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM CIÊNCIAS NAS SÉRIES INICIAIS

Este capítulo aborda sobre o ensino de Ciências nas séries iniciais, a questão da aprendizagem dos alunos e os conteúdos trabalhados a partir dos eixos temáticos apontados no PCN de Ciências (BRASIL, 1997).

2.1 Ciências para as Séries Iniciais

O ensino de Ciências nas séries iniciais aborda sobre diversos temas, dentre eles sobre o meio ambiente, saúde e corpo humano. Levando em consideração que os assuntos existentes nestes eixos temáticos são extensos, dependendo da série em que o aluno se encontra, estes assuntos serão abordados de maneiras diferentes.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997), os conteúdos a serem trabalhados ao longo do ano letivo nas séries iniciais (1° ao 5° ano) perpassam sobre áreas como a saúde, meio ambiente e a utilização da tecnologia nas atividades humanas envolvendo a natureza. De acordo com o referido documento, deve-se:

> Mostrar a Ciência como um conhecimento que colabora para a compreensão do mundo e suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como indivíduo, é a meta que propõe para o ensino da área na escola fundamental. A apropriação de seus conceitos e procedimentos pode contribuir para o questionamento do que se vê e ouve, para a ampliação das explicações acerca dos fenômenos da natureza, para a compreensão e valorização dos modos de intervir na natureza e de utilizar seus recursos, para a compreensão dos recursos tecnológicos que realizam essas mediações, para a reflexão sobre questões éticas implícitas nas relações entre Ciências, Sociedade e Tecnologia (BRASIL, 1997, p. 21-22).

O ensino de Ciências contribui para os questionamentos que se fazem sobre os acontecimentos ao redor dos alunos, e estes questionamentos são importantes para o ensino-aprendizagem, pois a partir da observação e a partir do contato com experiências, o aluno mantém interesse no conteúdo, principalmente quando esse conteúdo aguça sua curiosidade.

A curiosidade em descobrir coisas novas é algo natural das crianças, e quando essa curiosidade pode ser usada no momento da aprendizagem, se torna mais significativa. O docente do ensino de Ciências ao utilizar situações que sejam consideradas interessantes para os alunos, estará contribuindo no seu processo de ensino. Esse destaque é elucidado por Carvalho (2009) quando esta destaca que:

> Em nossas pesquisas em ensino de Ciências para os primeiros ciclos do ensino fundamental, temos detectado a importância de propor aos alunos situações problemáticas interessantes. Ao tentar resolvê-las, os alunos se envolvem intelectualmente com a situação física apresentada, constroem suas próprias hipóteses, tomam consciência da possibilidade de testá-las, procuram as reações causais e, elaborando os primeiros conceitos científicos, (re) constroem o conhecimento socialmente adquirido, um dos principais objetivos da educação escolar (CARVALHO, 2009, p. 15-16).

O uso das experiências científicas para o ensino, é um bom aliado ao trabalho docente, pois ajuda os estudantes na compreensão dos conteúdos a partir do contato com situações cotidianas, no qual é possível construir conceitos através das experiências, possibilitando aprendizagens. Para o desenvolvimento do trabalho do professor, o uso de experiências científicas também se torna importante.

Além de tornar as aulas mais dinâmicas, o interesse dos alunos pode ser maior, pois estarão participando de forma prática, construindo e descobrindo os significados de conceitos científicos. Os momentos de conversas e debates sobre a experimentação dos objetos de estudos contribuem para a melhor compreensão dos alunos.

Carvalho e Gil-Perez (1998) comentam sobre a formação dos professores de Ciências e os obstáculos enfrentados na docência, e a necessidade de se fazer um ensino voltado a prática construtiva. Além disso, as inovações e utilização da pesquisa cientifica devem estar presente na prática pedagógica do professor. Através da construção de conhecimentos entre professor e alunos, metodologias que favoreçam a aprendizagem, para que o ensino de Ciências possa contribuir na vida dos educandos.

A avaliação dentro do processo de ensino de Ciências é necessária para que o docente compreenda o percurso de aprendizagem de seus alunos. Obviamente que cada professor tem sua própria metodologia para avaliar, seguindo os padrões estabelecidos pela escola; mas algumas concepções no que dizem respeito ao ensino e a aprendizagem devem ser levadas em consideração pelos educadores.

> A avaliação em qualquer etapa de ensino deveria cumprir a finalidade de promover mudanças sensatas e desejadas, mas muitas vezes ela acaba enfatizando e

> priorizando, cumprindo apenas seu aspecto burocrático. O primordial da avaliação deveria ser seu caráter emancipatório, mas, geralmente isso não acontece, pois ainda há apego aos princípios da avaliação como prática burocratizada, que serve para controlar, selecionar e até punir (ROSSIT e STORANI, 2010, p. 163).

Com este caráter burocrático da avaliação, a essência da sua verdadeira proposta é perdida, e com isso a aprendizagem dos estudantes não é verificada. Com a despreocupação com o ensino e a aprendizagem, a escola torna-se um local de relações vazias, onde sua função é apenas a transmissão de conhecimentos e resolver aspectos burocráticos (LUCKESI, 2008).

Quando falamos em avaliação emancipatória, referimo-nos ao tipo de avaliação preocupada em promover mudanças. E estas mudanças estão ligadas não apenas a avaliação, mas com todo o processo educativo. Na sala de aula, muitas situações podem ser responsáveis pelo desenvolvimento da educação, o qual possibilite uma emancipação.

Sobre as relações dentro da sala de aula, Rossit e Storani (2010) comentam que:

> É preciso que as relações estabelecidas na sala de aula sejam produtivas e favoreçam as interações sociais. Além disso, as regras precisam ser claras. As relações mencionadas são: aluno-aluno; aluno-professor; alunos e professores-conhecimento. A sala de aula deve ser vista como um espaço coletivo de construção, reflexão e sistematização do conhecimento (ROSSIT e STORANI, 2010, p. 162).

As escolhas sobre como ensinar dentro da sala de aula refletem o tipo de educação produzida, o que indica a preocupação dentro do cenário escolar, como o professor trabalha e quais as regras estabelecidas na gestão da instituição, pois estas guiam os profissionais ali presentes.

A disciplina de Ciências no ensino fundamental possui vários conteúdos que são atrativos aos alunos, e quando bem aproveitados, resultam em uma ótima prática pedagógica. Levando em consideração a avaliação pautada em mudanças, os conteúdos trabalhados de maneira estratégica voltada a aprendizagem, podem contribuir positivamente no momento de avaliar. Para isso é necessário que esta avaliação não esteja focada apenas nos resultados, mas no desenvolvimento dos alunos (CARVALHO, 2009).

Ainda que cada professor utilize maneiras diferentes de dar as suas aulas, o foco da aprendizagem não deveria ser esquecido. E para a avaliação isto é fundamental: priorizar a aprendizagem. No primeiro capítulo foi destacado sobre os tipos de avaliação geralmente presentes nas escolas (diagnóstica, formativa, somativa) e as suas características. O que é visível na prática educativa em nosso país é o prevalecimento de um ensino tradicional, e

consequentemente o trabalho avaliativo se configura no mesmo quadro, com a desvalorização da aprendizagem e preocupação com resultados. Carvalho (2009) destaca que:

> Se o professor é capaz de reconhecer que a ação do aluno não é isolada, mas está apoiada na ação dele, deve ser capaz de utilizar os resultados obtidos pelos alunos a fim de avaliar o próprio trabalho. Se a aprendizagem dos alunos não for satisfatória, é preciso que o professor reflita crítica e honestamente sobre aquilo que fez ou deixou de fazer e planeje mudanças no seu modo de agir (CARVALHO, 2009, p. 36).

Ao compreender a necessidade da avaliação, não apenas para alunos, mas também para o professor, o processo de ensino e aprendizagem tem maior valorização, onde o professor além de entender o papel ativo do aluno na construção do conhecimento, observa como o seu trabalho contribui para o ensino, e onde pode melhorar em sua metodologia.

2.2 Conteúdos no Ensino de Ciências

Os conteúdos para a disciplina de Ciências no ensino fundamental, geralmente, estão relacionados a situações próximas do cotidiano, da vida humana, as quais devem ser exploradas pelo professor no momento das aulas. Estes conteúdos de conhecimentos próximos a realidade dos alunos são interessantes para uma aula dinâmica. Através das experimentações a construção de hipótese se torna mais evidente (CARVALHO, 2009).

Infelizmente, os momentos de experimentação não são valorizados da maneira que deveriam. As razões podem variar, dependendo dos professores e de como organizam seu trabalho docente. Seja por falta de tempo para organizar as atividades de experimentos científicos ou desinteresse em produzir uma aula diferenciada, o que está acontecendo com as aulas de Ciências que deveriam ser interessantes e não monótonas?

Normalmente o que vem ocorrendo nas salas de aula do ensino fundamental, mas especificamente nas séries iniciais, período de desenvolvimento e formação de conceitos importantes para a vida escolar, são aulas “conteudistas” e sem realização de atividades que envolvam os alunos e os façam interagir entre si (LUCKESI, 2008).

Muitos dos conteúdos de Ciências são apropriados para realização de atividades em sala com todos os alunos. A utilização de objetos simples e fáceis de manejar é algo positivo no momento da exploração dos experimentos científicos como forma de aprendizagem.

Como já foi citado, nos parâmetros curriculares para ensino de Ciências (BRASIL, 1997), há diversos temas envolvendo saúde, meio ambiente e ser humano. Estes temas podem ser abordados de maneira atrativa durante as aulas, possibilitando um maior acompanhamento

por parte dos alunos; dependendo sempre do desempenho do professor em articular suas aulas para favorecer a participação de todos, ao estabelecer uma ligação entre os alunos, professor e o conteúdo, a aprendizagem consegue ocorrer com mais facilidade.

O incentivo aos debates e discussões dos fatos e de ideias fazem parte dos procedimentos que podem favorecer a aprendizagem. Dentro desses debates há os questionamentos dos fatos, os quais imergem a partir do dialogo realizado nas aulas, contribuindo no entendimento dos conteúdos (BRASIL, 1997).

A relação com os fenômenos ocorridos no meio ambiente e os conteúdos é imensa; neste sentido, a relação com os fatos e o que será ensinado nas aulas de Ciências podem encaminhar uma situação de aprendizagem muito significativa, pois ao compreender sobre os fenômenos, como ocorrem e por quê ocorrem, os alunos podem verificar na prática, através de aulas experimentais sobre os conhecimentos ensinados (CARVALHO, 2009).

Os conteúdos referentes aos anos inicias do ensino fundamental correspondem aos eixos temáticos sobre Ambiente, Ser Humano e Saúde e Recursos Tecnológicos. O quarto bloco temático é Terra e Universo, porém é abordado nos anos finais do ensino fundamental (BRASIL, 1997).

Um ponto importante para a questão dos blocos temáticos é que o professor pode fazer articulações para trabalhar no mesmo conteúdo temáticas diferentes. A exemplo disso temos o que é citado no documento dos PCN de Ciências (BRASIL, 1997):

> As relações entre os recursos tecnológicos e a saúde humana, entendida como bem-estar físico, psíquico e social, estabelecem conexões entre este bloco e o documento Saúde. Por exemplo, as aplicações termológicas no saneamento dos espaços urbanos e rurais, na conservação de alimentos, na medicina, no lazer e no trabalho (BRASIL, 1997, p. 42).

A conexão entre os blocos temáticos pode ser útil para o ensino de situações do cotidiano, como a questão do saneamento, inclusive o tema transversal Meio Ambiente poderia contribuir nesses conhecimentos através de estudos sobre os impactos causados ao ambiente pela falta de saneamento, ou quando este não ocorre adequadamente.

A seguir, serão pontuados os eixos temáticos trabalhados nas séries iniciais pela disciplina de Ciências.

- **Ambiente**

Discutir sobre ambiente dentro dos espaços escolares tem sido muito importante, seja pela necessidade de compreender as relações entre os seres vivos e não-vivos, ou pela abrangência de debates sobre os problemas ambientais.

Cada vez mais a valorização de estudar os fenômenos e organizações vindos do ambiente está crescendo no contexto educacional. O tema transversal Meio Ambiente (BRASIL, 1997) também tem sua importância para que a discussão se limite as aulas de Ciências e seus conteúdos.

A discussão dos impactos ambientais causados por ações humanas pode ser trabalhada tanto pelo tema transversal, quanto pelos conteúdos do eixo temático. Quando unidos, a discussão pode ser mais proveitosa.

> Os fundamentos científicos devem subsidiar a formação de atitudes dos alunos. Não basta ensinar, por exemplo, que não se deve jogar lixo nas ruas ou que é necessário não desperdiçar materiais, como água, papel ou plástico. Para que essas atitudes e valores se justifiquem, para não serem dogmas vazios de significados, é necessário informar sobre as implicações ambientais dessas ações (BRASIL, 1997, p.37).

É preciso que o docente explique os motivos para que as ações não devam ocorrer, para que haja o conhecimento das consequências de alguns atos e que possa haver a conscientização dos alunos. O bloco temático de ambiente oferece possibilidades para os debates sobre as questões ambientais, juntamente aos conteúdos que tratam da vida dos seres vivos e não-vivos.

- **Ser Humano e Saúde**

Este bloco temático abordado nos PCN (BRASIL, 1997) também é importante ao ensino de Ciências. Para compreender sobre como funciona o corpo humano e suas funções em cada Sistema; as características comuns aos seres humanos e a importância de cuidar do corpo para evitar possíveis problemas de saúde; o ensino dos conteúdos que estão dentro deste bloco são necessários nas aulas de Ciências.

A relação com o meio ambiente conta como influenciadora nas atividades do corpo humano, dependendo do clima, temperatura, alimentação, etc. Estes condicionantes externos influenciam no funcionamento do corpo humano, de forma que “pode se compreender que o corpo humano apresenta um equilíbrio dinâmico: passa de um estado a outro, volta ao estado inicial, e assim por diante’’ (BRASIL, 1997, p.38).

O corpo quando adoece causa mudanças que apontam que algo não está bem no estado de saúde da pessoa. Existe o equilíbrio dinâmico, o qual responsabiliza-se em atribuir o estado de saúde do homem. Quando ocorre algum tipo de desequilíbrio, seja de ordem física, psíquica ou social, é sinal que o corpo está adoecendo (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, é importante que sejam trabalhados conteúdos que ensinem sobre algumas doenças que afetam o corpo e as consequências, além das maneiras de prevenção. O uso das tecnologias no combate e tratamento de diversas doenças também é opção para ser abordado dentro da sala de aula.

Além de entender sobre essas mudanças que podem ocorrer devido ao quadro de doença, o ensino sobre sexualidade não deve ser deixado de lado, sendo este assunto de grande importância, pois:

> A sexualidade humana deve ser considerada nas diferentes fases da vida, compreendendo que é um comportamento condicionado por fatores biológicos, culturais e sociais, que tem um significado muito mais amplo e variado que a reprodução, para pessoas de todas as idades (BRASIL, 1997, p. 40).

Os conteúdos abordados nesse bloco temático estão intimamente ligados ao homem, e há a necessidade de entender os conceitos relacionados ao corpo humano e sobre sua saúde, para que os educandos possam compreender sobre a estrutura de seu corpo e os seus cuidados

- **Recursos Tecnológicos**

O bloco temático referente aos recursos tecnológicos geralmente pode ser trabalhado com os conteúdos de outros blocos (Ambiente, Ser humano e Saúde), discutindo sobre a influência da tecnologia na vida cotidiana. As mudanças e avanços no cenário tecnológico tem contribuído para modificações dentro das discussões em sala de aula. Não apenas no que diz respeito aos métodos de ensino, mas nos debates acerca das transformações para o ambiente e para o ser humano, causados pelas criações de aparelhos e instrumentos tecnológicos (BRASIL, 1997).

2.3 Ensino de Ciências e a Prática Pedagógica

Na perspectiva de um ensino preocupado com a aprendizagem do educando, a prática pedagógica voltada ao desenvolvimento é importante. Como já foi abordado anteriormente, para o ensino de Ciências, a valorização dos experimentos vem crescendo

dentro dos métodos de ensino dos profissionais, no intuito de ajudar os alunos e possibilitar a oportunidade de compreender, através da prática, os conhecimentos adquiridos (CARVALHO, 2009).

Como forma de aprendizado, e como maneira de entender sobre determinados fenômenos, as experiências realizadas são formas complementares de explicar conteúdos, contribuindo na formação dos alunos.

O ensino de Ciências deve abranger não apenas os conteúdos como matérias obrigatórias, mas saber articular com a realidade, observando teoria e prática dentro da aprendizagem. A questão da realidade regional não deve ser esquecida, existem muitos conhecimentos da cultura local que podem e devem ser trabalhados pelo professor.

> Para o ensino de Ciências naturais é necessária a construção de uma estrutura geral da área que favoreça a aprendizagem significativa do conhecimento historicamente acumulado e a formação de uma concepção de Ciência, suas relações com a Tecnologia e com a Sociedade. Portanto, é necessário considerar as estruturas de conhecimento envolvidas no processo de ensino e aprendizagem – do aluno, do professor, da Ciência (BRASIL, 1997, p. 27).

A prática pedagógica necessita estar vinculada a realidade em que vivemos, para que o processo de ensino seja algo importante na vida dos educandos, os quais possam observar e vivenciar dentro das salas de aulas, as situações e fenômenos que ocorrem no mundo ao seu redor. O professor não deve esquecer de seu papel determinante nas construções de conhecimentos de seus alunos, atuando como facilitador do processo de aprendizagem.

Nas palavras de Gadotti (1997) sobre a concepção Freireana:

> Para Paulo Freire, o conhecimento é construído de forma integradora e interativa. Não é algo pronto a ser apenas “apropriado ou socializado, como sustenta a pedagogia dos conteúdos. Por isso, essa pedagogia sustenta, até hoje, a necessidade de memorização. Conhecer é descobrir e construir e não copiar (GADOTTI, 1997, p. 20).

As aulas de Ciências podem constituir um conjunto de ações que instiguem os alunos a pensar, descobrir e inventar, através da abordagem metodológica que o docente utiliza para ensinar. Os conteúdos apontados nos PCN (BRASIL, 1997) indicam temas que são próximos a realidade, e por isso podem ser trabalhados de maneira mais didática durante as aulas. A questão dos experimentos e ludicidade devem levados em consideração no processo de ensino em ciências, assim como a curiosidade natural que as crianças têm.

3. METODOLOGIA

O capitulo irá descrever sobre a metodologia do trabalho, evidenciando a abordagem de pesquisa, e os procedimentos necessários para a sua realização (tipo de pesquisa, técnica de coleta de dados e como será feita a análise dos mesmos).

3.1 Abordagem de Pesquisa

No que diz respeito as abordagens de pesquisa na educação, basicamente há duas linhas de pesquisa os quais diferem-se pelos objetivos que propõem. De um lado temos a perspectiva de abordagem quantitativa da pesquisa científica, a qual "busca explanar as causas das mudanças nos fatos sociais, principalmente por meio de medida objetiva e análise quantitativa" e do outro a pesquisa qualitativa, onde "seu propósito fundamental é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno" (SANTOS FILHO, 2007, p. 40-41).

A pesquisa quantitativa utiliza dados numéricos, e seus resultados geralmente são expressos e analisados por dados estatísticos. Na pesquisa qualitativa há a preocupação com a os fatos sociais que envolvem a situação a ser analisada. No intuito de investigar sobre a avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências, este trabalho fundamenta-se na perspectiva qualitativa, a qual utiliza o raciocínio dedutivo para verificar as situações relacionadas ao problema em questão da pesquisa (SEVERINO, 2007).

3. 2 Procedimentos

A pesquisa de campo, como o próprio nome diz é abordada em seu local, no caso deste trabalho, será realizada em ambiente escolar, a partir das perspectivas teóricas abordadas nos capítulos 1 e 2.

> A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisados. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos (SEVERINO, 2007, p. 24) (grifo do autor).

O uso da pesquisa de campo como método investigativo possibilita ao pesquisador facilidade para colher as informações necessárias sobre os fenômenos no ambiente, além de poder ser analisadas por outros pesquisadores; "facilidade para obter a amostragem dos indivíduos, sobre determinada população ou classe de fenômenos" (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 189).

As desvantagens da pesquisa de campo, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 189) seriam:

> a Pequeno grau de controle sobre a situação de coleta de dados e a possibilidade de que fatores, desconhecidos para o investigador, possam interferir nos resultados.
> b O comportamento verbal ser relativamente de pouca confiança, pelo fato de os indivíduos poderem falsear suas respostas (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 189).

Para a obtenção de coleta de informações referentes a avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências, a técnica aplicada será o questionário, o qual possuirá questões abertas (onde é possível elaborar as respostas a partir da concepção pessoal do sujeito).

O uso do questionário para coleta de dados como instrumento da pesquisa qualitativa servirá para coletar informações da realidade, as quais irão ser utilizadas posteriormente na análise dos dados. Dessa forma, deve haver cuidado ao formular as questões, para que não acabem ficando extensas ou sem compreensão por quem está respondendo.

Outro aspecto a ser observado é a quantidade de questões. O pesquisador deverá formular questões objetivas, a fim de deixar evidente o assunto a ser tratado. Além de possuir uma linguagem de fácil acesso aos participantes, para que não haja dúvidas no momento de responder (SEVERINO, 2007).

As questões podem ser fechadas ou abertas: as questões abertas são aquelas que os participantes podem elaborar suas próprias respostas; nas questões fechadas, as respostas são escolhidas a partir das opções apresentadas pela pergunta. Para este trabalho, foram utilizadas as questões abertas.

A utilização dos questionários como coleta de dados de pesquisa tem aspectos positivos e negativos. Uma das vantagens a sua utilização é o fato de que os questionários permitem o anonimato das respostas; e os sujeitos da pesquisa não são influenciados pelo pesquisador (CHAER, DINIZ e RIBEIRO, 2011).

Quanto às desvantagens, os questionários não oferecem a garantia de que sejam devolvidos respondidos completamente, e no caso de incompreensão do que está sendo pedido nas perguntas, o pesquisador não pode auxiliar os participantes. (CHAER, DINIZ e RIBEIRO, 2011).

3.3 Participantes

O questionário foi aplicado a duas professoras das turmas de 2° ano do turno matutino (sendo cada professora titular de uma turma) de uma escola municipal de educação infantil e fundamental, localizada na cidade de Castanhal/PA. O critério para a escolha destes participantes se deu a partir da série em que estes lecionam. Será investigado sobre a avaliação da aprendizagem no 2º ano das séries iniciais, dessa forma, os sujeitos participantes da pesquisa serão os professores destas turmas, os quais trabalham com conteúdos de Ciências.

Estas professoras receberão nomes fictícios (P1, P2) para garantir anonimato dos sujeitos da pesquisa. Ambas possuem a graduação em Pedagogia, sendo que a primeira professora (P1) possui oito anos de atuação na profissão e a segunda professora (P2) possui dez anos de atuação.

3.4 Ambiente

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola não está atualizado, e a sua versão é referente ao ano de 2015/2016. A versão atual ainda está sendo construída, segundo a coordenação pedagógica.

Segundo o documento a escola atende alunos da educação infantil, com turmas de 4 e 5 anos (manhã e tarde), séries iniciais (1^0 ao 5^0 ano), pela manhã e pela tarde, e Educação

de Jovens e Adultos - EJA (noturno). Os alunos que necessitam de Atendimento Educacional Especializado (AEE) fazem este atendimento no contra turno.

No que diz respeito ao processo de avaliação, a escola utiliza provas, trabalhos, recuperação, apropriação de conceitos mínimos pelos alunos, empenho ao realizar atividades propostas em sala. Na avaliação dos alunos das séries iniciais/EJA, o que se propõe é que o aluno tenha autonomia, habilidades de compreensão e expressão oral e escrita; operações numéricas básicas e interpretação de sistemas de referência espaço-temporal usuais.

As informações acima colocadas foram dadas pela coordenadora da instituição, que ao saber dos objetivos da pesquisa do trabalho, voluntariou-se para explicar sobre o processo de avaliação realizada na escola, ainda que os sujeitos da pesquisa tenham sido somente as professoras do 2^{0} ano do período matutino.

3.5 Como os Dados Serão Analisados

A partir do preenchimento do questionário, as respostas foram analisadas de acordo com os autores citados neste trabalho, que tratam da avaliação da aprendizagem e do ensino de Ciências. A resposta de cada professor será levada em consideração, para que seja possível verificar como o trabalho avaliativo na disciplina de ciências é feito por eles.

Foram analisados os trabalhos dos professores do 2º ano das séries iniciais a partir de suas perspectivas sobre avaliação, e foram feitos levantamentos e discussões sobre as respostas obtidas, para que ao final da pesquisa seja possível responder ao problema em questão, que refere-se a avaliação aplicada pelos professores como recurso suficiente para verificar a aprendizagem dos alunos.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este capitulo refere-se a análise dos dados coletados na pesquisa de campo; será abordado sobre as discussões da avaliação da aprendizagem e do ensino de Ciências, a partir das respostas dos professores do 2º ano, utilizando como base teórica os autores citados nos capítulos anteriores.

4.1. Avaliação no Contexto Educacional

No que diz respeito a concepção de avaliação da aprendizagem no contexto educacional, P1 destacou a avaliação como um recurso diário, o qual as observações feitas no dia a dia das aulas contribuem para avaliar os seus alunos. Segundo ela: “Atividades no caderno, comportamento em sala, pois apenas as provas não são suficientes”.

Pela resposta, percebe-se que esta professora possui uma visão de avaliação relacionada a questão de medir numericamente seus alunos. Esta concepção é abordada por Rossit e Storani (2010), sobre a diferença entre medir e avaliar, a qual é comentado sobre a confusão que erroneamente ocorre nas escolas entre o significado desses termos.

As avaliações dos alunos de P1 é feita com base nas observações diárias, porém, não foi comentado por ela sobre a aprendizagem em si, da avaliação ligado ao processo de

aprendizagem. Sobre a vistoria dos cadernos e comportamento na sala de aula, entende-se que é atribuído um valor numérico para conseguir avaliar cada aluno.

Dessa forma, a avaliação resume se na ideia de número ou conceito, onde existe a valorização das notas como resultado de verificação do conhecimento (ROSSIT; STORANI, 2010) e a aprendizagem é deixada de lado. A avaliação deve ser um recurso diário, pois o professor necessita acompanhar o desenvolvimento do aluno, com a preocupação de verificar o que foi aprendido, sobre o que não foi aprendido.

A concepção de avaliação para P2 também se relaciona ao dia a dia da sala, ou seja, avaliação diária. Segundo ela, "a prática avaliativa precisa ser todos os dias, cada atividade é possível perceber as dificuldades e desempenho do aluno, e cada criança aprende de forma diferente, ou seja, a avaliação precisa estar presente no início, meio e fim do processo ensino-aprendizagem" – nesta fala podemos perceber quatro elementos importantes para a avaliação: a observação avaliativa diária, percepção de dificuldades e de empenho, a questão da diferença na maneira de aprender e a continuidade da avaliação em todo o processo.

Para Luckesi (2008) a avaliação está ligada ao desenvolvimento qualitativo do aluno, e não quantitativo (notas, médias, conceitos) como vem ocorrendo corriqueiramente nas instituições de ensino. Verificar as dificuldades dos alunos e seu empenho está ligado ao processo avaliativo, a urgência em se discutir sobre isso está na maneira como os professores utilizam essas avaliações que fazem sobre os desempenhos e dificuldades.

A continuidade da avaliação no decorrer do ano, sem dúvidas é essencial, como foi citado por P2 no questionário. Esta seria, na teoria, a avaliação formativa, aquela que corre durante todo o processo de ensino. Porém, em nenhum momento este termo foi citado pelas professoras. A questão da aprendizagem é citada como parte do processo do avaliativo formativo.

No que diz respeito a maneira de aprender, P2 citou sobre a diversidade das crianças, cada uma aprende de um jeito. Sobre isso, Vygotsky (1984) aponta sobre a interação dos indivíduos, ou seja, o contato entre eles, o qual tem uma função central no processo de internalização dos conhecimentos. Daí a importância do educador na mediação desses conhecimentos. O contato com o mundo externo vai ajudar a criança a desenvolver seus próprios conceitos; ao relacionar com pessoas e ter contato com objetos. Cada uma irá criar suas próprias concepções sobre mundo.

Vygotsky (1984) discutia sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), citado anteriormente neste trabalho, sendo critério importante na construção de conhecimento das crianças, que ao entrar em contato com pessoas mais experientes, cria-se uma situação interativa onde há desenvolvimento de ideias a partir do envolvimento social. Nesse sentido, cada criança vai aprender de maneiras diferenciadas, dependendo do seu contexto, do contato social.

4.2 Importância da Avaliação no Processo de Ensino e de Aprendizagem

Ao analisar a resposta de P1 sobre a importância da avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, percebe-se que há a preocupação quanto ao desenvolvimento dos alunos e ao que foi aprendido ou não. Também foi ressaltado sobre a observação da metodologia dos professores como adequada a todos os alunos.

A avalição está relacionada ao aprendizado, na valorização do aluno como ser humano. Para esta valorização, é importante que alguns aspectos sejam observados, e a aprendizagem é uma delas. A pedagogia do exame, muito debatida por Luckesi (2008), relaciona-se a classificação dos alunos quantitativamente, sem nem ao menos valorizar a aprendizagem. As dificuldades e erros são deixados para trás ou “recuperados” com outras avaliações paralelas.

O desenvolvimento do educando não pode ser tratado como algo insignificante dentro no cenário escolar, é necessário a intervenção pedagógica por parte do professor, para que este possa compreender onde pode ajudar o aluno.

A observação da metodologia do docente para a prática avaliativa também é aspecto importante para o ensino e a aprendizagem, pois o método de ensino do professor contribui negativamente ou positivamente aos alunos. É necessário estar atento as metodologias usadas, se estas estão sendo suficiente a todas, ou apenas para uma parcela da turma (LUCKESI, 2008).

A resposta de P2 é bem parecida com a da P1. “É a partir da avaliação que você consegue perceber a evolução/desenvolvimento de cada criança, bem como, se sua metodologia está sendo eficaz”. A preocupação com o desenvolvimento dos alunos e a metodologia de ensino ser adequada foram os dois aspectos citados pelas professoras no que diz respeito a importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem.

4.3 Instrumentos Metodológicos Avaliativos

Em relação aos instrumentos metodológicos avaliativos, P1 respondeu de maneira direta: “Tarefas, provas, desempenho dos alunos (oral e caderno). Devido muitos não saberem ainda ler, a parte da avaliação oral é mais valorizada”.

Infelizmente, percebe-se que estes instrumentos são os que geralmente grande parte dos professores da educação básica utilizam. Sobre a avaliação oral e a observação de atividades no caderno, esta pode ser um exemplo de avaliação formativa, a qual através da verificação do professor dos conhecimentos, o aluno é avaliado.

Inovar as práticas de ensino é importante, assim como os instrumentos que são usados para avaliar, para que seja possível contribuir no crescimento dos alunos. Quando a professora diz que a avaliação oral é muito utilizada, em sobreposição a escrita, surge o questionamento do motivo de não se trabalhar mais a escrita, se grande parte dos alunos ainda não sabe ler, trabalhar a escrita também poderia ajudar neste processo. Vale ressaltar a importância da leitura e da escrita no desenvolvimento das crianças,

> Leitura e escrita apresentam, evidentemente, características que demandam uma preocupação linguística e pedagógica. E dessa forma, a escola precisa, sem dúvida, além de trabalhar a fruição, cuidar dos modos de produção da leitura e da forma pela qual o indivíduo constrói sua atividade de leitor (ORLANDI, 1989, p. 37).

P2 respondeu que os instrumentos utilizados por ela são: “observação, registros do desenvolvimento e dificuldade de cada criança, testes”. Aqui as dificuldades das crianças são levadas em consideração no processo avaliativo, a partir da verificação dessas dificuldades, possíveis soluções podem ajudar os alunos para sanar estas dificuldades, ou encontrar os motivos destas acontecerem.

A partir das respostas das duas professoras, percebe-se que, quanto aos instrumentos avaliativos usados, estes são bem parecidos, e retratam bastante a realidade escolar de diversas instituições de ensino. Ainda que a aprendizagem não se restrinja apenas ao que é feito nos cadernos, ou ao que é avaliado a partir da oralidade, estes instrumentos ajudam o professor a compreender sobre o nível de entendimento dos alunos sobre os conteúdos.

As provas e testes também foram citados por elas, pois, são as avaliações que a escola estipula como método de verificação dos conhecimentos, ainda que de maneira quantitativa, pois os resultados atribuídos resumem-se a médias, notas ou conceitos.

Sobre o uso quantitativo dessas avaliações, Luckesi (2008) aponta para o uso da aprendizagem escolar como método para classificar os alunos em aprovados ou reprovados. Além disso, quando há a revisão dos conteúdos aos alunos que foram reprovados ou que não conseguiram a média mínima estabelecida pela escola, a preocupação não está realmente ligada a questão do que não foi aprendido, e sim com a nota que o aluno deve alcançar ao estudar. Infelizmente podemos perceber essa concepção de Luckesi nas práticas escolares.

4.4 Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Ciências

Sobre a avaliação da aprendizagem na disciplina de Ciências, P1 respondeu que acredita que a avaliação aplicada por ela é suficiente para avaliar a aprendizagem de seus alunos, pois poucos alunos sentem dificuldades e é uma disciplina muito satisfatória para eles. Para P2, a avaliação é satisfatória e está de acordo com os recursos disponíveis.

A partir da leitura das respostas dessas professoras, verifica-se uma ausência no aprofundamento na disciplina propriamente dita, pois, é respondido de maneira superficial, sem detalhes sobre o desempenho dos alunos nas avaliações. Sobre poucos sentirem dificuldades, P1 ressalta que grande parte da turma consegue compreender os conteúdos, o que indica que, provavelmente, os resultados avaliativos são considerados bons.

A disciplina de Ciência no ensino fundamental, possui conteúdos atrativos, como já foi citado no capítulo 2 deste trabalho. Dessa forma, é comum o interesse dos alunos, contribuindo para que haja maior participação e melhor rendimento no momento das avaliações. Para que esta participação possa ser mais significativa, o papel do docente em articular os conteúdos com a realidade, e criar situações estimulantes para o aprendizado, pode contribuir no processo de ensino.

A metodologia usada tem um papel significativo na questão da aprendizagem do aluno, pois dependendo de como o professor segue sua aula, o aluno demonstrará atenção ou não, e influenciará no momento da avaliação. Carvalho (2009) destaca sobre a autonomia dos alunos para a construção dos conhecimentos, fato que contribui na questão ensino-aprendizagem. A interação entre os alunos é importante no momento da construção de hipóteses e ideias.

> O professor tem um papel muito importante nas atividades em grupo: durante todo o tempo, deve estar atento ao que acontece em cada grupo para auxiliá-lo quando necessário, para discutir regras de convivência, para elogiar. É um papel quase não

> percebido pelos alunos, mas nem por isso menos importante para o desenvolvimento intelectual e efetivo da classe (CARVALHO, 2009, p. 32).

Dessa forma, percebe-se a necessidade do trabalho do professor como recurso que ajudará os alunos, além disso, a avaliação dentro deste processo tem a sua função necessária, a partir da metodologia usada em sala, que considerará ou não a interação dos alunos como fonte avaliativa.

Pela resposta da P2, que ressalta dos recursos disponíveis para a avaliação, percebe-se que, a responsabilidade de haver uma avaliação satisfatória não está apenas nas mãos dos professores, como também da escola, pois esta se responsabiliza por organizar e planejar sobre as situações que envolvem os alunos, e dos recursos para a realização das atividades escolares. Nessa questão, a necessidade e importância do PPP da escola é fundamental, através deste documento, os professores e todos os profissionais presentes na instituição conhecem como funciona a gestão escolar, ou pela menos, deveriam conhecer.

Sobre isso, Santos (2014) destaca sobre a importância da gestão democrática para o processo educativo, em que a comunidade escolar deve estar envolvido em todo as situações, para que seja feita a democracia dentro da instituição. É dever não apenas do diretor ou coordenador planejar e organizar as atividades para o ano letivo, mas todos os profissionais envolvidos. A avaliação está incluída nessa responsabilidade dos educadores, todos juntos para debater e refletir sobre os métodos avaliativos e as consequências aos alunos.

> O gestor educacional tem a árdua tarefa de buscar o equilíbrio entre os aspectos pedagógicos e administrativos, com a percepção que o primeiro se constitui como essencial e deve privilegiar a qualidade, por interferir diretamente no resultado da formação dos alunos e o segundo deve dar condições necessárias para o desenvolvimento pedagógico (SANTOS, 2014, p. 11).

Tendo em vista o que foi discutido a partir das respostas das professoras, referente a avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências, as duas ressaltaram que a avaliação feita por elas é satisfatória, sendo que para a primeira, poucos alunos sentem dificuldades. Para a segunda, com os recursos disponibilizados, acredita que a avaliação é satisfatória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a pesquisa, é possível perceber que a avaliação é recurso fundamental tanto para os alunos quanto aos professores. Talvez a maior dificuldade para realizar essa pesquisa foi a disponibilidade das professoras, por questões de horários de aula. Porém, felizmente, houve tempo para responder ao questionário.

O processo avaliativo é necessário para o trabalho docente, para que o professor possa compreender sobre o desenvolvimento do aluno e quais são seus avanços e dificuldades. Além disso, temos na avaliação uma necessidade obrigatória que a escola enquanto instituição de ensino precisa para fins democráticos.

As professoras, de maneira geral, entendem a avaliação como algo não restrito apenas as provas, tradicionalmente realizadas em nossas escolas. Com uma abrangência maior que

essa, a avaliação está ligado ao processo de desenvolvimento do educando a partir da construção de conhecimentos, com o objetivo de obter uma educação que possa contribuir na vida dos alunos.

A importância da avaliação não se restringe somente para questões de cunho organizacional, e as professoras compreendem que a aprendizagem da criança está em jogo no momento em que é avaliada. Porém, parece que o sentido do ato avaliativo ainda é muito superficial no que diz respeito a preocupação e compromisso com o aprendizado.

A avaliação que prevalece é a de caráter quantitativo, preocupada com o desempenho a partir das atribuições numéricas, que deixa o sentido da aprendizagem de lado. Como ressalta Luckesi (2008) o que ocorre nas escolas é a *verificação* e não a *avaliação* da aprendizagem, pois:

> A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer *ante* ou *com* ele. A verificação é uma ação que "congela" o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação (LUCKESI, 2008, p. 93).

O ensino de Ciências no ensino fundamental pode contar com alguns instrumentos pedagógicos que facilitem o processo de construção de saberes, como por exemplo a utilização de experimentos, a ludicidade envolvida nas atividades em sala, o uso do cotidiano para exemplificar os fenômenos abordados nos conteúdos. A aula pode tornar-se muito atrativa ao aluno e isso favorecerá em sua aprendizagem. E avaliação neste processo entra como recurso importante, por isso ela deve ser satisfatória.

Ao realizar a pesquisa, uma outra dificuldade encontrada foi quanto a ausência de informações a respeito das avaliações feitas na disciplina de Ciências, como por exemplo, no caso da primeira professora, que disse que a sua avaliação é satisfatória pois poucos alunos sentem dificuldades. Provavelmente ela estava se referindo aos resultados das provas e avaliações feitas em sala diariamente, como a observação do caderno.

As perspectivas destes docentes sobre a sua própria avaliação no ensino dessa disciplina são positivas, pois acreditam que seu trabalho avaliativo é suficiente para avaliar a aprendizagem de seus alunos.

A avaliação da aprendizagem escolar que podemos observar no âmbito educacional, usando como exemplo as visões das professoras das turmas de 2^0 ano as quais foram selecionadas para a pesquisa, está muito mais ligada ao processo de verificação dos alunos a

partir de provas e exames, onde a pedagogia do exame, ressaltada por Luckesi (2008), prevalece dentro das salas de aulas. Ainda que haja a preocupação com o aluno, infelizmente o sistema de ensino o qual estamos inseridos prioriza o julgamento dos alunos através dos resultados numéricos.

REFERÊNCIAS

BIESDORF, R. K. O papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade. **Revista Eletrônica Itinerarius Reflectionis.** Jataí: Universidade Federal de Goiás – UFG. v. 1, n. 10. 2011.

BLOOM, B. S. **Taxionomia de objetivos educacionais** – domínio cognitivo. Rio Grande do Sul: Ed Globo, 1973.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, A. M. P.; PÉREZ, D. G. **Formação de Professores de Ciências:** tendências e **inovações.** 3^0 edição. Coleções de nossa época. v.26. São Paulo: Cortez, 1998.

CARVALHO, A. M. P.; VANNUCCHI, A. L.; BARROS, M. A.; GONÇALVES, M. E. R, REY, R. C. **Ciências no ensino fundamental**. O conhecimento físico – São Paulo: Scipione, 2009.

CHAER, G.; DINIZ, R. P.; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência.** Araxá. v. 7, n. 7, 2011. p. 251-266

CLANDININ, D. J. CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa:** experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. M. R. **Psicologia na Educação**. 2º edição. Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1993.

FALCÃO, R. C. **Avaliação por portfólio:** uma abordagem freireana. 2013

FERNANDES, M. E. A. Fundamentos da Avaliação na Perspectiva Humanizadora, Reflexiva e Construtiva. In: Eloisa Maia Vidal. (Org.). **Avaliação Institucional.** 1º ed. Fortaleza: Ed. UECE, 2003, v. 1, p. 9-34

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** 12º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa**.** Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Lições de Freire.** Revista da Faculdade de Educação. Vol. 23 n. 1-2. p. 13-24. São Paulo, 1997.

GROSS, R. **Paidéia – Educação, Sociedade e Política na Grécia Antiga.** Opet: revista eletrônica, v. 1, p. 13-20, 2006.

JAEGER, W. **Paidéia:** a formação do homem grego**.** Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KISHIMOTO, T. M. O **brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KREISCH, C.; MENEGHEL, S. M. **Concepções de avaliação e práticas avaliativas na escola: entre possibilidades e dificuldades.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009

LAKATUS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Cientifica.** 5^{0} edição. São Paulo: Atlas, 2003.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação.** Coleção magistério 2 grau. Série Formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 19^{0} edição. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura.** São Paulo/Campinas: Cortez; Edunicamp. 1988/1989.

ROSSIT, R. A. S.; STORANI, K. **Avaliação nos processos educacionais.** São Paulo: Editora Unicesp. 2010.

SANTOS FILHO, J. C. **Pesquisa educacional:** quantidade-qualidade. Silvio Sanchez Gamboa (org.). 6 ed. Coleção Questões da Nossa Época; v.42. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, G. A. X. **A importância do gestor escolar na qualidade do ensino ofertado.** Curso de especialização em Gestão escolar. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho cientifico**. 23^{0} edição rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRANHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções:** a intervenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 135-147.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE I

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

1. Qual a sua formação acadêmica?

2. Quanto tempo de atuação na profissão?

3. Descreva a sua concepção sobre avaliação no contexto educacional.

4. Qual a importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem?

5. Quais instrumentos metodológicos você utiliza para avaliar seus alunos?

6. Na sua perspectiva como docente, a avaliação por você aplicada é satisfatória para verificar a aprendizagem dos alunos na disciplina de Ciências?

APÊNDICE II

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVESIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE PEDAGOGIA

Termo de Consentimento

À Direção da Instituição

Eu, Ohana Cristiny Nakano Brito, estudante de Pedagogia, pela UFPA, Campus Castanhal, venho por meio deste solicitar autorização para realizar uma pesquisa com professores do 2^0 ano das séries iniciais, que trabalha nesta instituição no período matutino.

O tema pelo qual pretendo desenvolver trata sobre “Avaliação da aprendizagem do ensino de Ciências no 2^0 ano das séries iniciais”.

As questões norteadoras do estudo têm como objetivos:

- Analisar como ocorre a avaliação da aprendizagem adotada pelos docentes das turmas de 2^0 ano;
- Contextualizar historicamente a avaliação da aprendizagem como recurso pedagógico necessário ensino de Ciências no 2^0 ano das séries iniciais;
- Analisar, segundo a declaração do docente, se a avaliação por ele aplicada no 2^0 ano das séries iniciais influência de maneira positiva a aprendizagem dos alunos;
- Verificar se a avaliação da aprendizagem na disciplina de Ciências proposta pelo docente da turma contribui na verificação dos conhecimentos dos alunos.

Diante disto, a presente proposta pretende desenvolver um questionário com os professores, os quais irão expor suas concepções acerca da avaliação da aprendizagem no ensino de Ciências.

O processo de investigação consistirá no recolhimento de informações através de questionário, com questões abertas.

No respeito aos princípios éticos a considerar neste tipo de estudo, informamos que o tratamento das informações assegurara o anonimato dos sujeitos pesquisados.

Face ao exposto, faz necessário explicar o consentimento desta instituição de modo a:

- Autorizar a participação, na presente pesquisa, dos professores das turmas de 2^0 ano das séries iniciais do período matutino;
- Permitir que durante os dias da pesquisa, a investigadora possa estabelecer um bom horário para os professores no preenchimento do questionário, para que seu trabalho docente não seja prejudicado;
- Autorizar a utilização das respostas dos professores envolvidos na pesquisa, enquanto fonte de informação.

A investigadora por sua vez compromete-se:

- Assegurar as necessárias autorizações legais para a realização da investigação;
- Informar os professores acerca da natureza da investigação e ainda tornar explícito que sua participação no estudo é libre podendo deixar de participar a qualquer momento, se for sua vontade;
- Salvaguardar o anonimato dos professores.

Agradeço a vossa colaboração,

A investigadora,

Castanhal, 29 de Novembro de 2017.

Conheço a investigação proposta e dou o meu consentimento nos termos aqui formulados.

À Direção,

_____

APÊNDICE III

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

FACULDADE DE PEDAGOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) professor(a):

Vimos convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa intitulada **Avaliação da aprendizagem no ensino de ciências do 2º ano das séries iniciais: perspectivas do docente.** Este trabalho tem como

objetivo: Analisar como ocorre a avaliação da aprendizagem adotada pelos docentes das turmas de 2^{0} ano das séries iniciais na disciplina de Ciências.

A participação é voluntária. Se você permitir a pesquisa, solicitamos sua autorização para que possamos aplicar o questionário; Ressaltamos que você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

Sigilo absoluto. Você, a instituição, e seus alunos terão as identidades preservadas e apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações levantadas. Os resultados serão utilizados, em publicações, congressos e/ou atividades acadêmicas.

Esta pesquisa faz parte da elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção do título de licenciatura Plena em Pedagogia sob orientação do Professor, Dr. João Manoel da Silva Malheiro à licenciada Ohana Cristiny Nakano Brito de Pedagogia 2013/ Campus Universitário de Castanhal.

Qualquer informação ou dúvidas acerca desta pesquisa poderão ser obtidos pelo telefone, 983410125 / 996232935 Ohana Brito, 99816165 João Malheiro.

Eu, Sr(a). _____, considero-me informado sobre a pesquisa "**Avaliação da aprendizagem no ensino de ciências do 2^{0} ano das séries iniciais: perspectivas do docente**." e aceito participar da mesma, consentindo que o questionário seja realizado e registrado através da escrita.

Castanhal, _____de _____ de 2017.

_____

Assinatura do Entrevistado

_____

Assinatura do Pesquisador